

O Discurso Burocrático na Comunicação Organizacional

PIP/UFOP

Hilbert Reis

Índice

1 Estado e discurso burocrático	1
2 O discurso burocrático nas organizações	3
3 Bibliografia	5

Resumo

Para a compreensão dos mecanismos discursivos envolvidos na Comunicação Organizacional, é preciso buscar explicações nos Universos Discursivos das burocracias que regulam os fazeres institucionais. Os discursos burocráticos sustentam essa prerrogativa e corroboram para a manutenção e o desenvolvimento de um processo de inculcação. A comunicação se vale do formalismo, do discurso burocrático, contudo, ela é o caminho para a quebra desse paradigma. Nesta comunicação, as proposições de Althusser e Motta são usadas a fim de compreender como o discurso burocrático interfere na dinâmica de revolução da comunicação e da sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: discurso burocrático, formalismo, aparelhos de Estado, comunicação, inculcação, organizações.

1 Estado e discurso burocrático

O materialismo histórico propõe teses fundamentadoras da compreensão do Estado a partir de uma reflexão sobre os mecanismos de controle dos processos de produção e do pensamento. Destacam-se os conceitos de dominação, de inculcação e de aparelhos ideológicos, nos esquemas de dominação utilizados pelos poderes.

O processo de inculcação de formas de pensar tecnoburocráticas implica tanto as formas adequadas à dominação quanto à submissão; começa muito cedo, seja na família, seja na pré-escola, e progride sistemática e paulatinamente nas diversas instâncias organizacionais da educação formal, tendo, nesse processo, a universidade papel crucial. (Motta, 1986: 24)

A dominação burocrática se expressa como uma das três formas de dominação, as outras são a carismática e a tradicional. O formalismo, característica balizadora da dominação burocrática, prima pela permanência das regras criadas pela própria burocracia.

O formalismo de hoje, é apenas a substituição e adaptação do formalismo do passado,

e pelo viés da institucionalização, o formalismo se comunica com a sociedade que precisa e usa-o. “Um gênero surge de outros gêneros, um gênero é sempre a transformação de um ou de vários gêneros antigos, por inversão, por deslocamento, por combinação. (Todorov, 1980: 46)

O formalismo, incluído na perspectiva de discurso burocrático, é mantido pela classe dominante do aparelho ideológico de Estado (AIE), com a intenção de afastar a classe operária de assuntos que possam comprometer seus interesses. O aparelho repressivo de Estado, por sua vez, trabalha aliado ao aparelho ideológico de Estado, já que ambos são controlados por uma mesma classe, que usa o discurso burocrático como ferramenta para a continuidade desses privilégios.

O que distingue os AIE do aparelho (repressivo) do Estado é a seguinte diferença fundamental: o Aparelho repressivo do Estado “funciona através da violência” ao passo que os Aparelhos Ideológicos do Estado “funcionam através da ideologia”. (Althusser, 1985: 69)

Os discursos dos aparelhos ideológicos de Estado, feito pelas igrejas, empresas, escolas, sindicatos, ou seja, pelas instituições não controladas pelo Estado reproduzem o discurso burocratizado do Estado.

O Estado como uma “máquina” (Althusser, 1985: 62) de repressão permite com que as classes dominantes desenvolvam sua dominação sobre a classe operária, explorando-as (obtenção/extorsão de mais-valia). Os AIE primordialmente atuam com o uso da ideologia, e o Estado com a repressão, contudo, ambos os aparelhos compartilham os mesmos interesses, concomi-

tantemente, agem de formas semelhantes, ora ideologicamente, ora repressivamente.

Maquiavel (2008: 57) já demonstrava em pleno século XVI a importância do aparelho repressor do Estado, de modo que “[...] os mais importantes alicerces de qualquer Estado, seja ele novo, velho, ou ainda misto, são as boas leis e os bons exércitos”, ou seja, o exército e as leis eram postos por Maquiavel como a base do Estado. Hoje, nota-se que o Estado, sobretudo, necessita do amparo da classe dominante (AIE) para a continuidade da sua existência, além, é claro, do próprio aparelho repressor de Estado, exaltado por Maquiavel.

Os discursos burocráticos contribuem para a inculcação da necessidade da formalidade, ferramenta essa que distancia a classe trabalhadora dos aparelhos de Estado, provocando a sua dominação por parte da classe dominante, possuidora do conhecimento da formalidade. As relações entre exploradores e explorados, relação de produção da formação social capitalista, é reproduzida inclusive na aprendizagem de alguns saberes, contidos na inculcação maciça da ideologia da classe dominante.

A Escola, “[...] se encarrega das crianças de todas as classes sociais desde o Maternal, e desde o Maternal ela lhes inculca, durante anos, precisamente durante aqueles em que a criança é mais ‘vulnerável’, espremida entre o aparelho de Estado familiar e o aparelho de Estado escolar, os saberes contidos na ideologia dominante, ou simplesmente a ideologia dominante em estado puro (moral, educação cívica, filosofia). (Althusser, 1985: 79)

No período histórico pré-capitalista, a Igreja foi o aparelho ideológico de Estado

dominante, sendo que ela era responsável por funções religiosas, mas também escolares, de informação, e de cultura. A Igreja, o Estado e as empresas, como aliados, colaboram para a manutenção da classe dominante no poder, e juntas propiciam um crescimento e fortalecimento particular dos proprietários dessas instituições, o que culmina na continuidade de processos educativos sobre-determinados simbolicamente, que tendem a produzir dominantes e dominados, fortalecendo a existência do Estado.

A Igreja amparada pela Escola interpela os indivíduos enquanto sujeitos em nome de um Sujeito Único e Absoluto. As ideologias se sedimentam e produzem submissão ao Sujeito, provocando o reconhecimento mútuo entre os sujeitos e o Sujeito e entre os próprios sujeitos, e o reconhecimento de cada sujeito por si mesmo. A Escola atribui características que moldam o sujeito para atuar na sociedade conforme seu enquadramento social pré-definido pela sua herança familiar. A Igreja no papel de fundamentar a ideologia divina submete o sujeito, ou seja, a escola e a igreja trabalham para a manutenção da classe dominante nos aparelhos ideológicos.

A condução dos indivíduos pelo “Assim seja”, é a garantia absoluta de que tudo está bem, isso associado a esses outros sistemas de interpelações, produz a submissão ao Sujeito. Os sujeitos são bons (maioria dos casos) aqueles que são entregues à ideologia, os maus sujeitos provocam a intervenção de outro setor do aparelho (repressivo) do Estado.

“A ideologia da classe dominante não se torna dominante por graça divina, ou pela simples tomada de poder do Estado. É pelo estabelecimento dos AIE, aonde esta ideolo-

gia é realizada e se realiza que ela se torna dominante.” (Althusser, 1985: 106)

2 O discurso burocrático nas organizações

Dentro dos aparelhos ideológicos de Estado é possível encontrar as empresas de comunicação, que invariavelmente também se valem de discursos burocráticos na suas práticas discursivas. Vieira (2004) afirma que a empresa deve valorizar o gestor (funcionário), de modo que proporcione o crescimento de ambos (colaboradores e empresa). Comparando a empresa ao Estado, nota-se que o crescimento de um colaborador auxilia a empresa; ao contrario do Estado, em que se um apoiador (povo) cresce – gera problemas ao governante. Maquiavel (2008), afirma que o governante baseado na virtude de liberdade deve ser liberal “[...] para todos aqueles dos quais nada toma, que são muitíssimos, e miseráveis para aqueles aos quais nada concede, que são pouquíssimos.” (Maquiavel, 2008: 76)

Maquiavel (2008) considera que o governante deve permitir o avanço daqueles que não incomodam o poder e deve podar a liberdade daqueles que de certa forma podem se apropriar do seu poder seja pela *virtu* (virtude) ou pela sorte/fortuna, características essas definidas por Maquiavel (2008) como formas de alcance do poder.

“A dominação é uma forma de poder, mas não idêntica ao poder. A dominação se expressa como organização”. (Motta, 1986: 68)

O viés da institucionalização da burocratização remete a dificuldade da comunicação interna dentro de uma empresa (AIE), pro-

duzindo dificuldades no trato com o público externo e seus interessados.

“Se o sistema de comunicação estabelecido pela organização tiver por finalidade apenas agir “retoricamente” sobre a opinião pública, para persuadi-la e conquistar seu apoio, não se estabelecerá a verdadeira comunicação na construção de atitudes dialógicas apoiadas numa linguagem de relato veraz. (Vieira, 2004: 32)

A pesquisa baseada em fatos organizacionais e sociais, muitas vezes cai no vazio status da “verdade científica”, sem constatações ou análises contrárias. Esse tipo de produção intelectual deve ser recusado pelos setores sociais comprometidos com a transformação.

A integração das instituições burocráticas (grandes empresas, Estado, setores econômicos, partidos políticos, sindicatos, instituições educacionais) promove o aumento da produtividade e mais-valia, contudo, contribui ainda mais para o crescimento da burocracia. “A tecnologia que está na base das organizações burocráticas e de sua integração é também a base do poder dos gestores, donde o seu monopólio é o fetiche que a encobre.” (Motta, 1986: 22)

O desenvolvimento tecnológico, amparado pelo crescimento econômico, propicia de forma crescente, no fenômeno da globalização, a constante necessidade de respostas mais rápidas no que se refere à comunicação. Sob o domínio das empresas, logo, da classe dominante, a tecnologia é usada como uma das novas formas de institucionalização da dependência política e econômico-social, sendo que essas formas

são criadas e recriadas conforme a necessidade de adaptação da burocracia, instrumento legalizado que segue enviesado no paradigma da composição dos aparelhos de Estado.

O desafio é gerenciar a comunicação em todos os níveis de forma integrada, definindo sua filosofia global e tendo este conceito maior valorizado e adequado às ações específicas, promovendo confiança e credibilidade nas formas de relacionamento organizacional alinhadas à pluralidade dos sistemas de informações. (Vieira, 2004: 60)

Os gestores, burocratas, tecnocratas, tecnoburocratas, burgueses de Estado são apenas nomes para a consolidação do capitalismo monopolista do Estado, caracterizado pela sua robusta burocracia. A tecnoburocracia envolve formas de conhecimento altamente codificadas e sistematizadas, que implica um complexo sistema de informação, decisão, organização do trabalho e controle social.

A burocracia tem um poder altamente abrangente na sociedade, sendo que, a impessoalidade se destaca como ferramenta para a continuidade dessa conduta organizada segundo rotinas pré-estabelecidas. Os discursos burocratizados reproduzem a composição de uma representação social materializada nas instituições, que produzem gestores e colaboradores envolvidos nas causas da empresa, e não da sociedade. A comunicação organizacional busca a abertura entre o diálogo interno e externo da empresa, seja paralelamente ou simultaneamente.

As empresas reproduzem processos de produção que são padronizados no conceito

de subordinação. A comunicação é a ferramenta de acesso e de ligação entre os detentores da política e dos aparelhos ideológicos de Estado com os dominados, criando uma relação imaginária entre os indivíduos reais. “O processo de produção e exploração é ao mesmo tempo processo de reprodução das relações de dominação e subordinação política e ideológica. (Motta, 1986: 85 *apud* Poulantzas, 1975: 13)

Com o desenvolvimento da comunicação e de suas ferramentas midiáticas de alto alcance social, a educação poderia ser gerenciada por todos, contudo, há obstáculos políticos que impossibilitam tal gestão. “Apenas uma reorganização dos grupos de interesse que compõe a sociedade é capaz de impor uma nova forma de comunicação aberta e democrática.” (Motta, 1986: 31)

Os discursos burocráticos atingem todos os setores de uma empresa, afetando todo sistema produtivo. A burocracia adapta-se ao tempo, às circunstâncias, e a diferentes locais – quando a tecnologia ou a sociedade muda, as organizações também mudam; entretanto, o discurso burocrático permanece presente na sociedade pós-industrial da era da informação, ou seja, suas raízes estão fincadas fortemente no Estado e na sociedade.

3 Bibliografia

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado* – Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985, 2ª edição.

MAQUIAVEL, Nicolau – *O Príncipe*; tradução de Antonio Caruccio-Caparole. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2008.

MOTTA, Fernando C. Prestes – *Organização e Poder: Empresa, Estado e escola*. São Paulo: Atlas, 1986.

MOTTA, Fernando C. Prestes – *Organização e Poder: Empresa, Estado e escola*. São Paulo: Atlas, 1986. *POULANTZAS, Nicos. As classes sociais no capitalismo de hoje*. Rio de Janeiro, Zahar, 1975)

TODOROV, T. A origem dos gêneros. In: TODOROV, T. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Martins Fontes, 1980. *Apud MEURER, J. L. e MOTTA-ROTH D. Gêneros Textuais* – Bauru: EDUSC, 2002.

VIEIRA, Roberto Fonseca. *Comunicação Organizacional: Gestão de Relações Públicas* – Rio de Janeiro: Mauad, 2004.